

# DO CAMPO DE SANTANA AO CAMINHO NOVO PARA O BOM JESUS DO MONTE CARVALHO. A CASA TÉRREA NO SÉCULO XVIII EM BRAGA

Ana Maria Magalhães de Sousa PEREIRA \*

## I. INTRODUÇÃO

O tipo de casa mais comum na Braga setecentista, que se define térrea mas personalizada, tem vindo a desaparecer em toda a cidade e, se há poucos anos ainda era visível em muitas zonas, como a rua dos Chãos de Cima a S. Vicente, a rua das Cónegas ou até a Avenida Central, têm vindo a ser substituídas por prédios de andares, um tipo de habitação mais conforme à urgência e vertigem actual, que não se compadece com particularismos arquitectónicos tomados como obsoletos e pouco rentáveis. E todavia nestas pequenas construções viveram aqueles que fundamentando uma rede humana, serviram de alicerce à permanência da cidade setecentista. Sabe-se muito pouco acerca delas, da maneira como se afirmaram no espaço urbano. A nossa curiosidade em destapar um pouco esse véu, surge não só da necessidade de homenagear a multidude anónima construtora, mas também decorre da própria obra, pelo que ela representa de compromisso numa cidade ricamente multifacetada, assumindo-se ao mesmo tempo como cruzamento de expectativas e referências formais.

Sabemos que a investigação sobre arquitectura civil não é uma tarefa fácil, a maior parte das vezes devido à escassez de documentação, o que obriga ao cruzamento de fontes variadas. Mesmo no estudo da habitação das pessoas com um certo relevo na estrutura social da cidade de Braga no século XVIII, a documentação é dispersa e falível, o que dificulta a procura. O problema aparece duplamente agravado, nesta reflexão sobre a casa térrea setecentista, pois não só os habitantes se situam num plano inferior da pirâmide social, mas também se apresentam na boa tradição rural, auto-suficientes. Nestes casos a documentação limita-se à compra ou arrendamento do terreno e ao processo de empraçamento, mas devido à singeleza das habitações, a descrição é extremamente sucinta, dificultando a visualização das mesmas.

As casas térreas que se vão construindo não agregam em si, aparentemente, nenhum dos novos processos decorativos que vemos surgir por toda a cidade. Mostraremos que, ao contrário, irão assimilar novas tendências, embora vagarosamente, sem todavia deixarem de estar sujeitas a uma tipologia que se define no século XVII, que se assume estacionária no campo e mais específico ainda, em zonas do nosso país ao longo de todo o século XVIII. Por outro lado, apontaremos as relações existentes entre este tipo de casa e o crescimento da cidade de Braga. Esta expansão para Nascente, marcada pela construção da Igreja do Bom Jesus, estruturando-se em novos arrabaldes em direcção ao Santuário, determinará novas artérias que se irão afirmar como pólos de construção, para uma cidade nova.

## 2. A CASA TÉRREA NO MAPA DAS RUAS DE BRAGA

D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728) seria o grande impulsionador de mudança urbana, motivando ou continuando obras de grande envergadura, testemunhos de poder e clarividência que atrairiam à cidade mais e melhores artesãos para prover ao luxo e à *Festa da Corte Arcebispal*. As obras e melhorias, continuaram com os arcebispos que lhe sucederam, transformando-se a cidade num pólo agregador de novos ofícios, atraindo obreiros e artesãos, atingindo o esplendor máximo com D. José e D. Gaspar de Bragança.

Mais e melhores artífices viriam para uma cidade pujante e em mudança, buscando melhores condições de vida, agregando as suas oficinas e lojas, que asseguravam com a sua produtividade a cidade, na sua essência de compra e venda de produtos, de excedente e luxo, novidade e permanência, em suma o pulsar vivencial urbano.

<b>Espaço temporal</b>	<b>ARCEBISPO</b>
1690 - 1692	Sede Vacante
1692 - 1696	D. José de Menezes
1696 - 1703	D. João de Sousa
1704 - 1728	D. Rodrigo de Moura Teles
1728 - 1741	Sede Vacante
1741 - 1756	D. José de Bragança
1758 - 1789	D. Gaspar de Bragança

Por esta altura floresciam na cidade várias indústrias manufactureiras<sup>1</sup>, algumas de projecção internacional, como era o caso dos sombreireiros, que aglomerando-se na zona de S. Victor com as suas oficinas dariam mais tarde origem ao chamado "bairro chapeleiro"<sup>2</sup>. As actividades ligadas aos têxteis, nomeadamente, sedas<sup>3</sup>, linhos e algodões, eram também muito prestigiadas para não falar de outras<sup>4</sup> também importantes que começavam a ganhar cada vez maior relevo em termos de cidade e região.

Embora na cidade, acontecesse um surto construtivo com alguma sofisticação, nas zonas novas surgiam construções pouco pretensiosas, onde se alojavam estes recentes habitantes e as suas manufacturas. Por volta dos anos vinte, do século XVIII, verifica-se o aforamento de muitos chãos, dando origem a novas ruas, como é o caso, entre muitos outros, da rua Nova da Seara ou da rua de S. Domingos, adensando-se os arrabaldes numa rede de vias e interesses, num espraiar da cidade para o exterior.

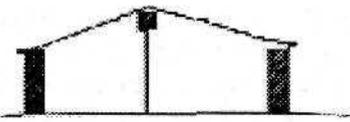
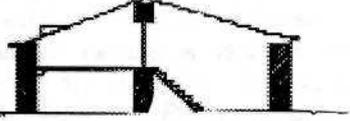
Braga havia visto desabrochar em finais do século XVII e inícios do XVIII, exemplares notáveis de arquitectura religiosa e civil<sup>5</sup>, esta enveredando por duas tendências artísticas bem definidas que coexistindo no mesmo espaço temporal, apresentam características bem particulares. Uma arquitectura barroca que surge acompanhando a construção/remodelação das igrejas de S. Victor, dos Terceiros e de S. Vicente, edifícios que são marcos na arquitectura religiosa da cidade, e outra de referência maneirista, que ultrapassando o limite da centúria se continuaria a construir na cidade. Referimo-nos a essas grandes casas sóbrias e possantes, cujos arroubos decorativos se resumem à utilização de cornijas a encimar todos os vãos, remetendo-nos para processos arquitectónicas anteriores, ostentando uma simplicidade enganosa, visto que quem as manda construir usa conscientemente o seu prestígio para se afirmar ao resto da comunidade, sendo a sua pretensa simplicidade, numa forma bem definida e palpável, o rótulo da importância da família. Lendo o Mapa das Ruas de Braga, vêmos que este tipo de casas é predominante, e ao analisarmos a documentação existente atentando à descrição das mesmas, concluímos que ao longo do século XVIII continuam a ser as escolhidas pela sociedade bracarense.

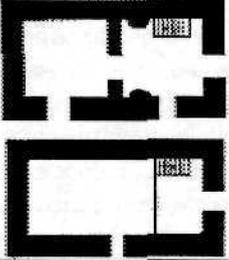
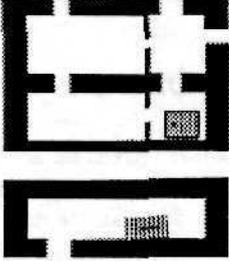
Paralelamente por toda a cidade irrompe um surto de construções, simples mas bem estruturadas ao longo destas zonas que iam surgindo. Disso nos dá notícia o Mapa das Ruas, em cujas representações podemos consciencializar que embora se encontre este tipo de casa, térrea, em quase todas as ruas, aparecendo tanto no centro da cidade, onde predomina uma ocupação de espaço preferencialmente de tradição medieval é, principalmente na periferia, que a sua presença se torna mais notória, em áreas novas, muitas delas que em 1750, data da realização do Mapa das Ruas de Braga, iniciavam a sua implantação a nível da rede urbana<sup>6</sup>. Este surto construtivo de qualidade, chamaria para a cidade artesãos especializados, por isso, não é de admirar que muitas das zonas "novas", sejam habitadas por pedreiros, carpinteiros, ferreiros e outros, em vez de vinhateiros e agricultores como sucedia anteriormente. Se contabilizarmos o número de casas pertencentes ao Cabido, tanto térreas como de um sobrado, que foram representadas no Mapa das Ruas de Braga verificamos que mesmo as de um sobrado, apresentam no rés-do-chão as mesmas características das térreas, ocupando o mesmo espaço de rua, oscilando as suas medidas, entre as quatro e as seis varas.

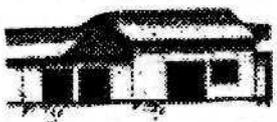
À medida que nos afastamos da Sé para a muralha o seu número vai crescendo e quando extrapolamos a cerca em direcção aos arrabaldes, vemos que há um aumento acentuado<sup>7</sup> que certamente tem a ver com os habitantes que a cidade vai agregando ao longo do século. Se por exemplo, compararmos os novos espaços, situados bem para fora da cerca, com outros mais antigos, próximos da muralha, notamos que não só o número de casas térreas é superior no primeiro caso como as casas têm características distintas pois, sendo muito mais antigas, apresentam-se simples e rudimentares.

### **3. TIPOS DE CASAS TÉRREAS NA BRAGA DE SETECENTOS**

As casas térreas de Braga aparentemente semelhantes, mostram-se com fachada simples, uma ou duas aberturas e telhado de duas águas. Todavia ao analisarmos a documentação existente, nomeadamente as descrições constantes dos documentos de empraçamento, constatamos que existem pelo menos três tipos diversos de construção:

<p><b>Casa térrea Tipo A</b></p>	<p>Frente e traseira térreas</p>	
<p><b>Casa térrea Tipo B</b></p>	<p>Frente e traseira térreas com um pequeno andar sobradado</p>	
<p><b>Casa térrea Tipo C</b></p>	<p>Frente térrea e traseira sobradada</p>	

<p><b>Casa térrea Tipo A</b></p>	<p>Para a frente: sala e quarto Para trás: cozinha</p>	
<p><b>Casa térrea Tipo B</b></p>	<p>Para a frente: sala Para trás: cozinha Em cima: quarto</p>	
<p><b>Casa térrea Tipo C</b></p>	<p>Em cima: sala para a rua Para trás: quarto Em baixo: cozinha, adega e despejos</p>	

<p><b>Casa térrea individual</b></p>	<p>Cobertura individualizada</p>	 <p>18 19</p>
<p><b>Casa térrea em fila</b></p>	<p>Uma cobertura para várias casas</p>	 <p>20 21 22 23</p>

#### 4 - CAMPO DE S. SEBASTIÃO E CAMPO DA SENHORA-A-BRANCA

Começaremos por analisar a casa térrea nos espaços próximos das muralhas, por terem características particulares e nos parecerem mais rudimentares, nomeadamente nos terreiros que ganharam estatura durante o século XVI, com outro Arcebispo fundamental na remodelação urbanística, D. Diogo de Sousa. Campos que se situam no eixo Nascente e Poente, junto de duas portas maiores, prenunciadores, já nessa altura, da expansão da cidade, como aliás viria a acontecer nos tempos seguintes.

Vejam os Campo de S. Sebastião, terreiro extra-muros e que apresenta uma ocupação humana desde o período medieval. Ao encontrar-se junto de uma das aberturas mais importantes da cidade, a Porta de Maximinos, situada na embocadura da rua com o mesmo nome, deveria ter adquirido importância ao longo do século, não fosse o facto do pólo comercial da cidade se ter vindo a deslocar para outros lados da urbe. Visualisemos este grande espaço que sentimos ainda muito ligado às hortas situadas ali ao lado, definindo rudemente quatro eixos, a Norte a rua dos Biscainhos, a Porta Nova com o Campo das Hortas como se fosse um grande átrio, a Sul a capela de S. Sebastião das Carvalheiras, a Nascente a muralha e todas as construções a ela adjacentes, estruturando-se na rua dos Açougues e a Oriente a embocadura da rua de S. Miguel-o-Anjo.

Deste lado, junto do edifício dos frades Crúzios que faz esquina para a rua de S. Miguel-o-Anjo<sup>8</sup>, podemos ver representado no Mapa das Ruas de Braga<sup>9</sup> uma fiada de construções que têm nas traseiras grandes quintais e hortas, nomeadamente a dos frades, cuja cerca entesta com os quintais tanto do Campo de S. Sebastião como da rua de S. Miguel-o-Anjo<sup>10</sup>. Apresenta uma frente de casas térreas foreira à casa que é o prazo dois. Esta é em finais do século XVII, pertença de Sebastião Pereira de Carvalho, cidadão de Braga e morador na freguesia de Serzedelo, que por volta de 1674 é instado a pôr em ordem as suas contas com o Cabido em relação às suas casas *citadas no Terreiro e Devesa de Sam Sebastião da freguesia da See*, devido ao facto de querer fazer prazo novo e *lhe fazerem embargo nos alugueis*. Estas casas que o documento assinala como sendo *terreiras*,

situavam-se de costas voltadas para o quintal da casa, *Item na corente destas casas para o Norte estam nove casas terreiras telhadas que sam desta propriedade que algumas foi prazo separado e se melem todas neste praso e cada hua das ditas casas terreiras tem sua porta para a rua e nenhua pera o quintal*<sup>11</sup>, tendo uma só abertura para o exterior, desenhavam em planta um rectângulo cujas medidas seriam trinta e três varas e meia por cinco varas<sup>12</sup>, *medidas ao coprido de Norte a Sul tem trinta e três varas e mea e medidas por detras pello quintal tem trinta varas e de largo de Nacente a Poente cada hua tem sinco varas*, em suma uma fila de habitações cobertas com o mesmo telhado de duas águas.

O documento é bastante sucinto, e embora descreva com alguma minúcia a casa "principal", passa por alto as casas térreas que lhe estão pegadas, fazendo somente referência ao tipo de cobertura que elas possuíam, devido talvez ao facto de muitas das casas da cidade, principalmente nos arrabaldes, por esta altura, ainda serem cobertas de colmo.

Parece-nos óbvio estarmos perante um tipo de casa elementar<sup>13</sup>, definindo-se pequena, reduzida a um simples compartimento que por vezes possui divisórias em madeira, separando a alcova. Se prestarmos atenção à representação do Mapa das Ruas de Braga, vemos que as casas de que falamos não possuem outra abertura a não ser a porta. Não nos causará estranheza se lembrarmos que em muitas casas térreas ainda existentes no nosso País<sup>14</sup> não existem aberturas na frontaria das casa, além da porta da entrada. Não seriam forradas, e o fumo da sua lareira escapulir-se-ia livremente pelas telhas, o chão seria em terra batida, e as suas paredes seriam de taipa<sup>15</sup>.

Seria interessante saber se a casa que é o prazo três<sup>16</sup>, que já existia em 1558, juntamente com a casa que é o prazo dois, possuíria na porta uma decoração em facetados, uma concessão às tendências decorativas da época<sup>17</sup>. Por esta altura, finais do século XVI, vivia na casa térrea Pedro Gonçalves, vinhateiro<sup>18</sup>, cuja profissão parece ter a ver com a predominância de quintas e hortas nas proximidades, enquanto que na casa sobradada vivia António Fernandes, pedreiro e sua mulher Madalena Afonso<sup>19</sup>, numa casa que certamente nada teria a ver com a representada no Mapa das Ruas de Braga, cujas características apontam para obras do século XVII<sup>20</sup>, mas que possivelmente possuíria alguns "melhoramentos" introduzidos pelo seu construtor.

Do outro lado do Campo de S. Sebastião, não representado no Mapa das Ruas de Braga, existiam outros exemplares destas construções em fila, visto que numa venda efectuada em 1678, João Barbosa de Almeida vende a João de Moura, alfaiate *casas terreas pegadas huas as outras com seu quintal atras que agora esta seibe sitas junto a Torre do Postigo do Campo de S. Sebastião*<sup>21</sup>, e quando o padre Gonçalo de Azevedo vigário da freguesia de S. Tiago, compra ao padre João da Fonseca seis moradas de casas com seu quintal situadas no mesmo Campo, *sitas ao Postigo de S. Sebastião*<sup>22</sup>, estas também parecem obedecer à mesma tipologia. Na altura em que o padre se apresenta na sua nova propriedade para que os caseiros o conheçam, *tomou das lojas terra e pedra e das paredes barro*<sup>23</sup>, indiciando os materiais de construção destas casas térreas, que deveriam ser divididas ao meio, uma parte de chão batido e outra de *taboado*, onde se situava a sala e alcova e as paredes de taipa.

Por vezes estas casas térreas elementares estão relacionadas com uma certa evidência com um edifício de maiores proporções que lhe fica ao lado. Esta ligação de maior ou menor dependência, tem normalmente a ver com a quinta ou os terrenos agrícolas pertença da casa maior. Seria esse, possivelmente, o caso do prazo três do Campo de S. Sebastião, durante o século XVI, existindo uma interligação com a casa

sobradada e as quintas que lhe ficavam atrás. Não é talvez por acaso que o prazo um, uma casa sobradada que denota alguma importância, tem representada no Mapa das Ruas de Braga, no terreiro de entrada, uma frondosa ramada de videiras. Esta “depêndencia”, motivada por razões agrícolas desapareceu entretanto no decorrer do século seguinte, à medida que todo este espaço era sentido como cidade. Durante o século XVIII, esta zona embora assumida ainda como arrabalde, perderia definitivamente aquele carácter rural que mantivera até aí.

Para o lado oposto da cidade, o Largo da Senhora-a-Branca<sup>24</sup>, um terreiro que se havia formado no término do Campo de Santana, ainda eram significativas as quintas durante o século XVIII, embora a cidade avançasse com bastante expressividade nesta direcção como posteriormente iremos vêr. Uma dessas quintas, existente desde o século XVI, a quinta do Sobrado que tinha como pólo principal uma casa-torre que se estruturava em função da quinta, possuía a seguir ao seu magnífico portal ameadado voltado para o Largo, um terreiro, onde se situavam algumas construções que se relacionavam estreitamente com a quinta e os seus serviços. Não esqueçamos que estes aglomerados, funcionavam em regime de auto-suficiência, agregando em si desde o carpinteiro até ao moleiro. Deste conjunto contabilizamos pelo menos uma casa sobradada e duas térreas, *na dita casa sobradada mora Diego Martins trabalhador e paga della em cada hum anno de foro e penção ao emprazador sento e quarenta reis e na terra que esta ao redor da sobradada mora Maria Fernandes [...] e na outra casa térrea que esta mais asima mora Pero Faria o bergues*<sup>25</sup>, na outra casa térrea referida fechou-se a porta que possuía para o espaço público, abrindo posteriormente para o pátio interior, o que nos parece bastante significativo da sua interdepêndencia com a casa principal. Por outro lado o facto de não serem referidas ocupações específicas dos moradores das casas poderiam indicar, e assim o supomos, uma ligação à casa principal nomeadamente aos trabalhos do campo. Seriam casas muito simples, certamente com os pavimentos em terra batida e paredes em taipa. No mesmo documento, é referido a seguir, *hua rua de casas*, tanto sobradadas como térreas, foreiras à casa-torre, mas que possuem características diferentes destas que referimos atrás, antes parecem ser do género das existentes na rua Nova da Seara, que se seguia a este Largo para Nascente, por esta altura ainda certamente um caminho entre quintas, mas que se tornaria ao longo do século XVIII, um foco de novidade, agregando pessoas diferentes, no sentido de a sua postura a nível urbano nada ter a ver com os casos que afloramos atrás.

## 5. RUA NOVA DA SEARA

Por volta de 1729, começou a ser aforado o terreno que bordejava o caminho que seguia em direcção ao *Bom Jesus do Monte Carvalho*, chamada a rua Nova da Seara<sup>26</sup>, terreno pertencente à quinta e casal de *Entre Ambos os Matos* que pertencia a D. Francisca Xavier Tinoco Carneiro Pimentel. Esta fazendo-se representar pelo seu tio o reverendo beneficiado Agostinho Alves Tinoco, disse que se encontrava contratada com Diogo da Costa sombreireiro e a sua mulher Ana Lopes *de lhe aforar e subemphiteutar hum chão de terra pertença do casal chamado de Entre os Mattos no campo que se acha citto alem da igreja de Sam Victor junto a estrada que vai desta cidade para o Carvalho d'Este e para o Bom Jesus do Monte o qual chão era para os ditos Diogo da Costa e sua molher Anna Lopes nelle edificarem cazas com seu quintal*<sup>27</sup>.

Do lado Poente, tinha aforado, também para construir casa nova, o pedreiro Custódio Pereira e sua mulher Úrsula Francisca, uma fatia de terra que *constava ter de largo de Nasente a Poente cinco varas em qualquer parte delle e de comprido de Norte a Sul quarenta varas*, que iria ser a casa número vinte com o seu quintal, enquanto que a do sombreireiro Diogo da Costa, possuindo as mesmas medidas, seria a número dezanove. Por esta altura do lado Nascente, pegado à casa deste, o terreno só seria aforado alguns meses mais tarde, precisamente em Outubro, por um sombreireiro de nome Manuel da Costa e sua mulher Marta Ferreira, o que significa que durante este período esta vereda bordejada de campos, se começava a estruturar como rua, tal qual a entendemos no espaço urbano. Para Nascente da casa número dezoito, cujo espaço acabamos de referir, só nos anos trinta seriam aforados os terrenos das casas números nove a dezassete, e nos anos quarenta seriam aforados os terrenos das casas números três, quatro, cinco, enquanto que as casas números um e vinte e quatro, respectivamente a primeira e última das representadas no Mapa das Ruas de Braga, seriam somente aforadas nos anos sessenta e oitenta. Diz-nos o documento de aforamento de Diogo da Costa<sup>28</sup> que este pedaço de terra se encontrava *além da Igreja de Sam Victor*, o que nos dá uma imagem muito diferente da rua tal qual a conhecemos hoje.

Se atentarmos na representação do Mapa das Ruas de Braga<sup>29</sup>, as casas parecem pertencer à tipologia anteriormente descrita para o Campo de S. Sebastião, algumas casas em fila, caso das moradas números um, dois, três ou das casas números dezasseis, dezassete, dezoito ou vinte, vinte e um, vinte e dois e vinte e três. Todas elas estão cobertas com um telhado comum de duas águas e possuem na fachada voltada à rua uma porta e uma janela excepto a casa número dezoito, a que pertence a Manuel da Costa que apresenta duas portas. Parecem casas térreas elementares, mas quando começamos a ler documentos posteriores à sua construção, vemos que além de serem diferentes umas das outras, muitas delas são falsas térreas, ou seja o alçado que apresentam para a rua pública é térreo, mas o alçado voltado a Sul é sobradado.

Vejamos por exemplo a casa dezassete por volta de 1779, *Item caminhando para o Poente se segue outra morada de casas telhadas terreas e as possuiu Bernardo Pereira serralheiro e sua mulher moradores aos Penedos as quaes tem na fronteira que fica para a rua onde tem sua porta e seu taboleiro e tem sua salla no sobrado com seu quarto de taboado a qual salla fica para a rua publica e mais alta onde esta hum repartimento de taboado e dahi faz sua decadencia constantemente fundo para a parte do quintal para onde se desce por huma escada e tem esta parte de loja rente com a saída para o quintal onde tem sua adega e servidão de despejos e cozinha com uma porta para o quintal*<sup>30</sup>.

Como vemos, e o documento é bastante explícito, a casa apoia-se num declive de terreno, que faz com que pareça térrea, mas na realidade possui lojas no andar de baixo. O andar à face da rua é de taboado e tem uma alcova, as lojas onde se situam a cozinha e adega, são de chão de terra, e sobe-se para a sala por uma escada interior de madeira. Ao observarmos a casa seguinte, vemos que o quadro não se altera, *Item caminhando para o Poente segue outra morada de casas telhadas terreas que possuiu o beneficiado António Rodrigues Ouriço assistente na Praça do Quinteiro as quaes tem na fronteira a face da rua publica duas portas e se achão pelo meio repartidas de taboado formalizando duas moradas em que vivem dous cazeiros e tem hu sobrado cada huma com repartimentos de taboado com cada sua escada para descer para o mais baixo que he para a parte do quintal onde cada morador tem sua respectiva cozinha e serventia de despejos e cada sua porta para o quintal*<sup>31</sup>, o facto de ter sido rentabilizada, dividida em duas para poder ser ocupada por duas famílias não impede que vejamos a mesma tipologia, ou seja o mesmo posicionamento face ao terreno que faz com que pareça

térrea na face voltada à rua Nova da Seara. A casa número vinte, apresenta uma tipologia diversa, *Item caminhando para o Poente se segue outra morada de casas telhadas terreas que possui Antonio Francisco solteiro morador no Beco de Nossa Senhora-a-Branca as quaes tem na fronteira que fica para a rua Nova da Ciara duas portas de esquadria e tem em si hum quarto de taboado e para o quintal tem huma porta*<sup>32</sup>, pois apresenta só o andar térreo junto à rua. Repare-se que no Mapa das Ruas está representada como tendo porta e janela enquanto que o documento de empraçamento que temos vindo a referir, revela duas portas na frontaria, assinalando-se que são de esquadria, o que prova um tratamento mais elaborado dos materiais, fruto de obras efectuadas na casa, embora o seu interior continue muito simples: sala e alcova para a frente, cozinha para as traseiras, divisões em tábua. Obras e melhoramentos sofreram outras casas da rua, nomeadamente a casa número dezanove que é referida como sendo sobradada e de pedra de alvenaria, com duas portas e um tabuleiro no andar térreo e no sobradado duas janelas de peitoril e uma rasgada, enquanto que no Mapa das Ruas de Braga é terrea e possui uma porta e uma janela, embora o seu alçado seja mais elevado do que as suas vizinhas fazendo supôr um “meio sobrado em taboado”, para onde se subiria por uma escadita de madeira.

Todas estas casas possuíam quintal nas traseiras delimitado a Sul por um muro que os dividia da quinta de *Entre ambos os Mattos*. Neles encontramos várias árvores de fruto e um poço que refere o documento, na maioria das vezes é *apedrado toscamente com seu boccal tambem tosco* e por vezes possuindo uma *bomba de forqueira*.

Esta rua que vemos formar-se por todo o século XVIII, apresenta casas que vão assimilando ao longo dos anos métodos de construção mais evoluídos, desde a casa térrea elementar com paredes em alvenaria de taipa, à casa de alvenaria de pedra, desde as aberturas simples a portas e janelas em esquadria, acompanhando o crescimento da cidade para Nascente, faz parte de um conjunto urbanístico idealizado para uma cidade nova voltada para o Santuário do Bom Jesus do Monte Carvalho.

## 6. PRAÇA DO GAVIÃO

Um modelo de casa térrea mais evoluído parece-nos a pertencente ao pedreiro Martinho de Araújo que em 1725 aforou um terreno de que era enfitêuta Antonio Barreto Gavião e sua mulher D. Teresa Maria Xavier que comunicaram ter autorização do Cabido para se *edificarem cazas nas ruas da Praça que abrião no prazo e quinteiro de que sam emphiteutas e que com efeito estavao ajustados com o dito Martinho de Araújo de lhe aforar como aforado tinhao dous chaons no dito patio*<sup>33</sup>. As casas seriam construídas numa fatia de terreno com o comprimento de trinta varas e de largo de Norte a Sul cinco varas cada uma, medida que nos remete para os aforamentos da rua Nova da Seara. *Ficao partindo do Poente com a dita praça e das mais partes com terras do dito prazo com quem ouvera de partir por não haver por ora no dito sitio outros aforamentos*, conseguimos assim perspectivar o terreiro, já perfeitamente demarcado e pensado como praça antes dos aforamentos terem tido início.

Se olharmos o Mapa das Ruas de Braga, vemos que só as casas de Martinho de Araújo, são térreas, enquanto as outras, construídas nos restantes lados, são sobradadas. Perguntamo-nos até que ponto não teria sido este Campo idealizado com este lado térreo, de modo a não alterar a perspectivação do miradouro de Nossa

Senhora de Guadalupe, situado numa elevação colocada a nascente, por trás desta área.

Este Campo novo, que agora se aforava, desenhando um losango regular, de cujos vértices saíam ruas, ligando este espaço às zonas já existentes, como por exemplo o Campo de Santana e a outras totalmente novas, teria sido pensado e iniciado antes de 1725, sendo a sua forma geométrica, rigorosamente delineada, daí que no Mapa das Ruas de Braga, apareçam os "quarteirões" divididos em parcelas iguais, embora a maioria das casas ainda não estivesse edificada em 1750. A construção da nova capela de Nossa Senhora de Guadalupe, iniciada pelo mestre de pedraria Manuel Fernandes da Silva, em 1719<sup>34</sup>, fez com que se tornassem necessárias novas artérias para este espaço entretanto modificado e melhorado. O diálogo perfeitamente orquestrado, que se estabelecia entre a Praça e a capela de Nossa Senhora de Guadalupe<sup>35</sup>, enriquecendo este espaço, fazia com que as ruas de Santo André, da Oliveira, e de S. Gonçalo se encontrassem na Praça e confluíssem para a rua de Guadalupe, como se esta fosse um átrio para o pequeno santuário<sup>36</sup>. Seria o culminar de todo um processo de renovação urbana, a que não era alheia, a vontade e a modernidade de D. Rodrigo de Moura Teles. É interessante salientar, que este espaço se manteve inalterado até finais do século XIX, quando foi pensada a construção do palacete do Conde de Carcavelos<sup>37</sup>, que regressando do Brasil endinheirado, projectou a sua importância, construindo um imponente edifício, no sítio das casas térreas, alterando completamente o equilíbrio entre o mais baixo e o mais alto, que até aí tinha sido fundamental.

Por alturas de 1871 teriam sido deitadas abaixo as casas térreas de que temos vindo a falar. Ao observarmos a representação no Mapa das Ruas de Braga<sup>38</sup>, vemos que esta casa térrea obedece a uma tipologia diferente das que vimos anteriormente. O seu aspecto exterior é mais cuidado, sendo construída em alvenaria de pedra, com os vãos abertos em esquadria, seria toda forrada em taboado, certamente construída pelo próprio Martinho de Araújo com o auxílio de familiares. Nota-se que qualquer uma das casas desta Praça, tanto sobradadas como térreas foram pensadas como uma unidade, possuindo o conjunto de edifícios que constitui cada um dos lados do losango, um cunhal em cada esquina. No interior obedeceria certamente a um esquema mais elaborado que as outras, as paredes seriam de taipa, rebocadas com cuidado, as portas e janelas que asseguravam a passagem de uns aposentos para outros, em madeira bem aparelhada. O quintal que possuía nas traseiras, serviria de suporte à casa possuindo certamente poço com a boca apedrada.

## 7. CONCLUSÃO

Será este tipo de casa, térrea mas bem elaborada<sup>39</sup>, o construído por todo o século XVIII, XIX e inícios do XX, e até há pouco tempo existiam ainda na cidade alguns exemplares muito interessantes que infelizmente têm vindo a desaparecer vorazmente nestes últimos anos. Como referência podemos falar do exemplar que resta na rua das Cónegas<sup>40</sup>, um edifício térreo que não está representado no Mapa das Ruas de Braga, facto que situa a sua construção depois de 1750. Revela no alçado frontal, ladeado por cunhais uma porta e duas janelas com vergas arqueadas, pormenor decorativo que as aproxima de algumas opções estilísticas do século XVIII. Embora haja outros exemplares, nenhum como este demonstra as influências de uma arquitectura mais

elaborada. Podemos referir por exemplo uma série de casas térreas ainda existentes na rua de Baixo e outra na rua Gabriel Pereira de Castro, que curiosamente ainda resiste, *no meio de prédios de vários andares*

Na rua de S. Domingos, antiga rua do Assento<sup>41</sup>, ainda se podem encontrar vários exemplares destas casas, que curiosamente apresentam muitas das janelas com uma volumetria que as situa no século XIX e princípios do XX, provando que os moradores destas casas não ficaram alheios aos novos processos construtivos que alteraram significativamente toda a cidade de Braga, durante este período.

Não deixa de ser muito interessante e significativo o facto deste modelo de casa ter sido sobejamente exportado, inclusive para o Brasil, onde foi utilizado em lugares construídos de raiz no século XVII e XVIII<sup>42</sup>. Por outro lado não podemos deixar de referir as casa térreas do litoral, que no século XIX agregaram platibandas, ou outras do interior que ganharam chaminés com volumes pronunciados.

Concluindo, ao longo do século XVIII, as casas térreas até aí profundamente elementares vão sendo substituídas por modelos que vão agregando em si *características arquitectónicas mais evoluídas, tanto ao nível da planta, como dos materiais empregues na construção, estando indissoluvelmente ligadas ao aparecimento de uma população de artistas e artesãos que serviram de alicerce à cidade barroca.*

## NOTAS

\* Mestre em História da Arte, pela FLUP.

<sup>1</sup> No Minho e na Beira, para além de centros oficiais importantes, como Braga, Guimarães e Viseu, proliferava uma activa indústria dispersa de linho, cutelarias, pequena metalurgia, chapéus, curtumes, louças, algodão, velas, etc. apoiada na produção doméstica, constituindo para o caso português, a região mais exemplar do chamado modelo da proto-industrialização (SERRÃO, José Vicente. "O quadro económico. Configurações estruturais e tendências de evolução", *História de Portugal*, 1992, Ed. Estampa, p. 96).

<sup>2</sup> Os chapéus fabricados eram bastante baratos pelo emprego da lã como matéria-prima, tiveram uma grande procura nos séculos XVII e XVIII sendo exportados para todo o reino, Brasil e Espanha (CORDEIRO, J. M. Lopes, "Um relance sobre Braga setecentista", *Mapa das Ruas de Braga*, vol. II, Braga, 1982, pp. 31-32).

<sup>3</sup> D. Gaspar de Bragança contribuiu, significativamente, para o desenvolvimento das indústrias de seda já que o luxo da sua Corte impelia ao uso de damascos e brocados, aparecendo nesta altura um tecido excepcional, um setim de ramagens de veludo e gorgorão, de que apenas existem raros e preciosos exemplares (FEIO, Alberto, *Coisas memoráveis de Braga*, Universidade do Minho-Biblioteca Pública de Braga, Braga, 1984, p. 132).

<sup>4</sup> Por exemplo curtumes, solas e atanados (OLIVEIRA, Aurélio, *Bracara Augusta*, nº 87-88, 1985, pp. 221-240).

<sup>5</sup> Nomeadamente a casa de Teodósio Barbosa de Almeida na rua do Souto, construída pelo mestre pedreiro Domingos Moreira em 1693 (PEREIRA, Ana Maria Magalhães de Sousa, *Da Casa Grande da Rua dos Pelames à Casa Nova da Rua de Dom Gualdim*, vol. I, FLUP, Porto, 1997, pp. 114-117 - Dissertação de Mestrado, policopiada); a casa do licenciado Manuel Pessoa do Campo de Santana, construída em 1699, o palácio dos Falcões em 1703, o palácio do Deão Francisco Pereira da Silva em 1712, construídas pelo mestre pedreiro- arquitecto Manuel Fernandes da Silva (ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da, *Manuel Fernandes da Silva, Mestre e Arquitecto de Braga, 1693-1751*, vol. I, FLUP, Porto, 1995, pp. 196-203 - Dissertação de Mestrado, policopiada).

<sup>6</sup> O Campo do Gavião revela-se, em 1750, perfeitamente organizado definindo um quadrilátero, embora possua somente um edifício construído em cada um dos lados do losango (*Mapa das Ruas de Braga*, Braga, 1982, fl. 48).

<sup>7</sup> Visível na descrição das ruas do *Mappa* feita por OLIVEIRA, Eduardo Pires de, *Estudos sobre o século XVIII em Braga*, Braga, 1993, pp. 93-138.

<sup>8</sup> Esta rua tem actualmente o nome de Visconde de Pindela.

<sup>9</sup> Fl. 25.

<sup>10</sup> O prazo número 9 desta rua, situado no seu final, junto da rua da Cruz de Pedra, cuja casa era foreira ao Hospital de S. Marcos, mas o seu quintal, que pertencia ao Cabido partia com a propriedade dos frades Cruzios.

<sup>11</sup> *Livro de Prazos do Cabido nº 67*, Arquivo Distrital de Braga, fl. 263.

<sup>12</sup> Uma vara é equivalente a 1,10 metros. As medidas seriam portanto de 36 m e 5,5 m.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992, p. 23.

<sup>14</sup> Com relevo especial para o Alentejo.

<sup>15</sup> Um tipo muito semelhante de habitações foi definido para as populações ribeirinhas do rio Sado, apresentando-se como um tipo de habitação em fila, possuindo uma única divisão e os quartos em alcova.

sendo as paredes em alvenaria de talpa e os pavimentos em terra batida (*Arquitectura popular em Portugal*, 3º vol., Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1988, p. 227).

<sup>16</sup> Este prazo refere-se à primeira casa térrea a seguir à grande casa sobradada que é o prazo dois.

<sup>17</sup> Como é o caso que podemos ainda hoje ver na rua da Cruz de Pedra, em que uma casa sobradada de seiscentos possui acoplada uma casa térrea, com uma única abertura para a rua que ostenta ainda esta decoração quinhentista.

<sup>18</sup> *Livro de Prazos do Cabido* nº24, Arquivo Distrital de Braga, fl 206.

<sup>19</sup> *Idem* nº13, fl 195.

<sup>20</sup> Em 1603 vivia na casa prazo 2, João Mendes, alcaide de Braga e sua mulher Maria Pereira.

<sup>21</sup> *Nota Geral* 410, Arquivo Distrital de Braga, fl 200v.

<sup>22</sup> *Tabelião Público*, 2ª série, Livro 39, Arquivo Distrital de Braga, fl. 177.

<sup>23</sup> *Idem*, 178v.

<sup>24</sup> *Mapa das Ruas de Braga*, fl. 42.

<sup>25</sup> *Livro de Prazos do Cabido*, nº 61, Arquivo Distrital de Braga, fl 126. Em 1654 morava nesta casa-torre o doutor Manuel Freire de Andrade e sua mulher D. Margarida Freire.

<sup>26</sup> Actualmente designa-se por Rua de S. Victor.

<sup>27</sup> *Livro de Prazos do Cabido*, nº 88, Arquivo Distrital de Braga, fl 166v.

<sup>28</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>29</sup> cf. fl. 42.

<sup>30</sup> *Idem*, nº 105, fl 87.

<sup>31</sup> *Idem*, fl 88.

<sup>32</sup> *Idem*, fl 89v. No termo de reconhecimento, António José Francisco refere que adquiriu as casas por compra que fez a Leandro José de Freitas e sua mulher da qual foi lavrada escritura em 16 de Abril de 1776, *Venda de hua morada de cazas terreas com seu quintal e meio poso que fazem Leandro José de Freitas e sua mulher da rua Nova de Souza desta cidade a Antonio José Francisco* (*Nota Geral*, 1ª série, vol. 814, Arquivo Distrital de Braga, fl. 75). Todavia este documento não revela informação nenhuma sobre a casa, limitando-se a fornecer as suas confrontações.

<sup>33</sup> *Livro de Prazos do Cabido*, nº 96, Arquivo Distrital de Braga, fl 1v.

<sup>34</sup> *Tabelião Público*, 1ª série, nº 42, Arquivo Distrital de Braga, fls 133-135v, ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da, *op. cit.*, vol. I, p. 168.

<sup>35</sup> Aspecto já salientado por Miguel Soromenho quando afirma que *O encargo da construção deste templo, que correu também pelo bolso do Arcebispo D. Rodrigo, decorre do projecto do Campo Novo, de cronologias coincidentes e localizações respectivas devidamente articuladas* (SOROMENHO, Miguel, Manuel Pinto de Vilalobos. *Da Engenharia militar à arquitectura*, vol. I, Lisboa, 1991, p. 84 - *Dissertação de Mestrado. policopiada*).

<sup>36</sup> Antes de 1719, o monte onde se situava a capela velha, era um local selvagem cheio de penedos. Ambos os contratos de pedraria de 1718 e 1719 referem esse facto, sendo o mestre de obras Manuel Fernandes da Silva, instado a partir pedra desses penedos, para a construção da capela nova. Não sabemos até que ponto é que a confraria da Senhora de Guadalupe teria sido "pressionada" a iniciar obras de modernização face à urbanização nascente.

<sup>37</sup> OLIVEIRA, Eduardo Pires de; COSTA, Luís, "O progresso em Braga - através das Actas Camarárias", *Minia*, 2ª série, ano I, nº2, Braga, 1978, p. 17.

<sup>38</sup> cf. fl. 48.

<sup>39</sup> Exportada com sucesso para as ilhas e territórios de Além-mar, nomeadamente o Brasil (CABRAL, Oswaldo, "Nossa Senhora do Desterro, casas - sobrados - chácaras", *Douro Litoral*, 1951, Porto, pp. 117-152).

<sup>40</sup> Esta rua que actualmente se chama da Boavista, e se situa para Poente do núcleo amuralhado, possuía até há muito pouco tempo alguns exemplares de casas térreas.

<sup>41</sup> Esta artéria liga a Igreja de S. Victor com a rua Bento Miguel, também fazia parte do chamado "Bairro chapeleiro" onde se podiam encontrar em grande quantidade casas do tipo que temos vindo a estudar.

<sup>42</sup> A vila de Nossa Senhora do Desterro, na Ilha de Santa Catarina, no Brasil, fundada na segunda metade do século XVII, apresentava uma tipologia construtiva aproximada às primeiras casas que apresentamos. Durante o século XVIII deixou de ser de taipa e de ter cobertura de colmo e evoluiu para um tipo de casa térrea de fachada com porta e janela e cobertura com telha, de telhados em duas águas. Em 1763, havia uma centena de casas quase todas térreas. Os interiores eram muito simples, possuindo três ou quatro aposentos, sendo a sala à frente. Evoluiu no século seguinte, para um tipo de casa térrea mais luxuosa, possuindo um corredor que separava as salas de jantar e de estar ambas situadas na frente. Eram casas térreas muito profundas e grandes em extensão. O autor assinala que este tipo de casa era comum a muitos lugares por ele conhecidos (CABRAL, Oswaldo, *op. cit.*).



Foto 1 - Casa térrea, em fila, na rua de Baixo, em Braga.



Foto 2 - Casas térreas na rua Gabriel Pereira de Castro, em Braga.